

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Terça-feira, 2 de agosto de 1988

O retorno do maldito

Conhecida ultimamente só pelos versos de Caetano Veloso em 'Sampa', 'PanAmérica' volta às livrarias

□ Ao homenagear São Paulo na já antológica Sampa, Caetano Veloso não se esqueceu dele. "Panaméricas de Áfricas utópicas", para muitos apenas um trava-língua capaz de derrubar qualquer candidato ao estrato de karaokês, é na verdade uma referência a PanAmérica, de José Agrippino de Paula, um livro-chave para a geração do desbunde dos anos 70. De lá para cá, Agrippino criou fama de louco, deixou de produzir e seu livro virou uma edição rara disputada por colecionadores. Tudo isso só ajudou a alimentar o mito. Reverenciado por artistas de estirpes distintas como José Celso Martinez Correa e Jô Soares, Agrippino volta à cena este mês com a reedição de PanAmérica e um ciclo todo dedicado a ele em São Paulo.



Agrippino no seu retiro no Embu em São Paulo. Ele passa as tardes olhando o pasto

São Paulo — Rogério Montenegro

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Nome pouco familiar nesta década, o multimídia underground José Agrippino de Paula, aos 51 anos, foi apanhado de improviso no seu retiro em Embu, centro de artesanato e turismo a 30 quilômetros da capital paulista, de onde pouco sai há quatro anos, por um grupo de discípulos interessados em trazer de volta a cena um dos mais fascinantes protagonistas da agitação pop-tropicalista dos anos 60 e 70. Apesar de seu pouco entusiasmo, e até alguma relutância em aceitar a homenagem, conseguiu-se organizar no Museu da Imagem e do Som de São Paulo e na Galeria Fotóptica uma mostra cujo ponto culminante será o relançamento da epopéia PanAmérica, publicada em 1968 e reverenciada por alguns de seus leitores como um magnífico exercício de literatura marginal.

O Ciclo Agrippino começa no dia 12 de agosto, às 20h, com o lançamento da segunda edição de PanAmérica, e prossegue até o dia 26. Serão exibidos diversos de seus filmes, ao mesmo tempo em que sua produção estará sendo debatida por artistas como o compositor Caetano Veloso — que, aliás, musicou um trecho de PanAmérica no LP Doces bárbaros ("Eu e ela estávamos ali encostados na parede") e o saudou na canção Sampa (no verso Panaméricas de Áfricas utópicas). Devem participar do ciclo, também, o pintor José Roberto Aguililar, o diretor de teatro José Celso Martinez Correa, o coreógrafo Klaus Vianna e a bailarina Maria Esther Stockler, companheira e instigadora de muitos dos vãos do artista ao longo de um decênio.

O principal homenageado da mostra, no entanto, não parece disposto a acompanhá-la de perto. Em função de graves pertur-

primeiro livro, Lugar público, em 1965.

O artista plástico Aguililar, amigo de Jorge Mautner desde os bancos do tradicional colégio paulistano Dante Aligheri, foi apresentado a Agrippino nos idos de 64, por seu irmão mais novo, que por sua vez o conheceu como ouvinte num dos cursos de Filosofia da Universidade de São Paulo. "Os anos 60 eram repletos desses acontecimentos paralelos", lembra Aguililar. O respeitado físico e crítico de arte Mário Schemberg até chegou a referir-se ao trio — Agrippino, Mautner e Aguililar — como os pioneiros do realismo fantástico no Brasil. Num desses paralelismos, José Agrippino veio a conhecer e apaixonar-se, no estúdio de Aguililar, pela bailarina Maria Esther Stockler, filha do milionário dono do hoje naufragado grupo financeiro Haspa. Mais tarde, ela e Agrippino viam a conceber juntos montagens teatrais inovadoras, odiadas pela censura e amadas pela vanguarda, como Mustang hibernado (1968) e Rito do amor selvagem (1969). Dedé Veloso, na época namorada de Caetano e uma das integrantes do grupo, convidou o futuro marido para assistir a um desses espetáculos, no Teatro São Pedro. Maravilhado com aquela colagem de balé, cinema e teatro, Caetano tentou levar a equipe para criar com ele um show na televisão, mas foi desestimulado pela censura.

Na época, espalhou-se um boato de que as iniciativas de Maria Esther e Agrippino eram patrocinadas pelo dono do grupo Haspa. Na verdade, segundo Stockler, a única vez que isso aconteceu foi quando os dois se viram diante do dilema "Brasil: ame-o ou deixe-o". Desiludidos com a ditadura, assinaram a segunda opção. Passaram dois anos viajando por comunidades primitivas africanas, onde produziram diversos super-8 e, como conta Maria Esther, encontraram a alegria de uma vida coleti-

B

JB

Os mais completos
flashes de informações.
Informe JB



DE 03 A 07 DE AGOSTO
ÀS 21:30H
TEATRO IPANEMA

2-47-39-7-9-4



Novos modelos nos móveis que
não saem de moda

Velha Bahia
Rio — Campinas — Salvador

Cal Casa das Artes de Laranjeiras
**CURSO REGULAR
DE FORMAÇÃO DE ATOR**
inscrições abertas até 05/08
R. Rumânia, 44 Tel.: 225-2354

**COME
STRAIGHT TO
THE POINT.
COME TO
BRITANNIA.**

GUERRA!!

70%

OG LIQUIDA
TUDO!

AS LOJAS
DE SÃO CRISTÓVÃO,
CENTRO E
NITERÓI SHOPPING
ESTÃO BOMBARDEANDO
OS PREÇOS
E AS REMARCAÇÕES
SE ESPALHAM
POR TODA

A PARTIR
DO DIA
02/08

ANONIMATO

NO FRONTE

Falar inglês hoje em dia é uma
necessidade. Você sabe disso.
A única dúvida é a melhor
maneira de aprender inglês.
O Britannia oferece uma solução.
Uma não várias. Uma para cada caso:
General English e Cambridge Exams,
Communicative Courses,
para desenvolver a conversação
e o Executive School com cursos
especializados para profissionais e
executivos, na escola ou
na empresa. Turmas de 12 alunos,
mínimo de 6 ou individuais.
Em todos eles você encontra
os melhores professores, recursos
de áudio e vídeo e computadores
em sala de aula.
Comece bem a segunda metade
do ano. Matricule-se no Britannia.
As aulas começam dia 8 de agosto.

BRITANNIA
SPECIAL ENGLISH STUDIES

A member of the International House World Group
• Rua Nascimento e Silva, 154 - Ipanema
Fones 247-2415 e 247-4494 • Av. Armando
Lombardi, 949 - cobertura - Barra da Tijuca
Fone. 399-3399 • Rua Barão de Lucena,
61 - Botafogo - Fone. 286-3657

to. Em função de graves perturbações psíquicas, José Agrippino deu por encerrada a sua fase de contatos com o mundo exterior e vem vivendo, modestamente, numa pequena casa em Embu, com parte da mídua aposentadoria de professora de sua mãe, de 82 anos, de quem é dependente no Inaposto de Renda.

Arquiteto sem profissão, ora individualista convicto, ora tribal, discípulo da filosofia existencialista, das cartas do tarô, de ioga, do I Ching, do Tai-Chi-Chuan e até simpaticante, por curto período, da seita Hare Krishna, Agrippino foi um dos maiores expoentes do desbunde e da radicalidade da arte pop-tropicalista.

O autor de PanAmérica já era habituê das reuniões literárias promovidas na casa de Jorge Mautner no começo dos anos 60, antes mesmo de publicar o seu

ram a alegria de uma vida coletiva. Antes, Agrippino se desfizera do seu único bem, um apartamento no bairro de Perdizes, em São Paulo, para cobrir as despesas do seu longa-metragem Hitler 3º mundo, do qual tomaram parte Jô Soares, Eugenio Kusnet e Ruth Escobar. De volta ao Brasil, o casal curtiu a gravidez de Maria Esther numa vila de pescadores próxima à comunidade hippie de Arambepe, em Salvador. Mas Agrippino custou a readaptar-se à civilização branca. Já separado da mulher e da filha Manhã, foi viver na ilha de Itaparica. No começo desta década, retornou a São Paulo. Apesar da dieta naturalista, engordou dez quilos e passou a inverter o fuso horário: hoje, acorda às três da tarde e nunca dorme antes das cinco da manhã. "Ele passa horas observando o pasto verde que dá para a janela de seu quarto", conta sua mãe, Claudemira.

Escrita tropicalista

.. Numa década em que os estudantes brasileiros foram para as ruas protestar contra o acordo MEC-USAID, que atrelava os destinos da universidade brasileira à política norte-americana, o romancista José Agrippino de Paula não hesitou em tráfegar na contra mão. Seu romance PanAmérica, lançado em 1967, desprezando a unanimidade nacionalista, ergue-se sobre mitos lanques como Marilyn Monroe,

Burt Lancaster, Harpo Max e Marlon Brando. "A mitologia do nosso tempo, inclusive a brasileira, é norte-americana", justificou-se na época. O livro incorpora, e até exagera, a estética desordenada mas aguda proposta pelos ideólogos do Tropicalismo, entre eles Caetano Veloso e Gilberto Gil, que eram então crucificados com suas temíveis guitarras elétricas.

Trecho

"Quando eu cheguei ao aeroporto, eu estava tomado pela minha própria inércia e pelo ruído uniforme do motor. Atravessei a multidão e os bares do aeroporto, entrei na praça e tomei um taxi. Trinta minutos depois eu estava em Hollywood e entrava no estúdio F. Burt Lancaster estava sentado na mesma cadeira em que ele estava sentado três meses antes. Eu conversei com Burt, e Burt perguntou por Sinatra, e eu respondi que Frank Sinatra estava bebendo muito, e quando não devia passava os sábados e domingos dormindo. O iluminador se aproximou e disse que naquele dia a filmagem terminaria mais cedo. Os acionistas de Hollywood iriam se reunir ali no amplo estúdio de filmagem. Quando o iluminador se aproximou de Burt Lancaster todos os técnicos levantaram-se provocando um grande ruído de arrastar cadeiras e fechar gavetas, e logo em seguida se movimentaram rapidamente vestindo os seus paletós e carregando as suas pastas na direção da porta de



saída situada no fundo do estúdio. Quando eu atravessava o imenso estúdio com as três mil e seiscentas poltronas vazias, o grupo de quarenta ou cinquenta acionistas de Hollywood já se reunia em torno da mesa circular trocando informações entre si, discutindo e retirando de suas pastas as cotações da Bolsa de Valores."